

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

LUCINEIA DA SILVA ROSA

**O NOME NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DA
ANTROPONÍMIA FICCIONAL NO ROMANCE *TERRA SONÂMBULA*,
DE MIA COUTO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO
2018

LUCINEIA DA SILVA ROSA

**O NOME NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DA
ANTROPONÍMIA FICCIONAL NO ROMANCE *TERRA SONÂMBULA*,
DE MIA COUTO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada.

Orientadora: Profa. Ma. Rosangela Aparecida Marquezi

PATO BRANCO
2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Lucineia da Silva Rosa**

Título: **O nome na formação da identidade: uma análise da antroponímia ficcional no romance "Terra Sonâmbula", de Mia Couto**

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADA em 10/12/18, pela comissão julgadora:

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.^a Ma. Marcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Susiele Machry da Silva – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”

A Deus.
À minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por soprar em mim o seu fôlego de vida e conceder-me ânimo, saúde e sabedoria durante a realização deste trabalho.

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco.

Ao corpo docente do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês que compartilhou comigo seu tempo e conhecimento.

Em especial, à minha orientadora, Prof.^a Ma. Rosangela Aparecida Marquezi, por me apresentar a literatura moçambicana e o autor Mia Couto. Pelo empenho, compreensão e generosidade durante a realização deste estudo.

À minha mãe, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu marido, que de uma forma muito especial e carinhosa, me deu força, coragem e apoio nos momentos de dificuldades.

Aos meus sogros, pelo incentivo.

Aos meus amigos, pela amizade.

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa.

*Eu gosto de homens que não tem raça.
(Mia Couto)*

ROSA, Lucineia da S. **O nome na formação da identidade:** uma análise da antroponímia ficcional no romance *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. 2018. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Letras Português e Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a Literatura Africana de Língua Portuguesa, mais especificamente a Literatura Moçambicana, na qual está inserida a escrita poética literária do escritor Mia Couto, autor de diversos romances, contos e poesias. Mia Couto é considerado um dos mais importantes escritores moçambicanos em Língua Portuguesa e um dos mais traduzidos no mundo. Suas obras destacam a África e suas africanidades, os mitos, as lendas, os rituais e as tradições, criando por meio da linguagem, um elo entre a ancestralidade e a modernidade. Diante disso, e a partir da constatação do humor e da criatividade com que Mia nomeia as suas personagens, procurou-se, nesta pesquisa, analisar os significados dos nomes de algumas das personagens no contexto da narrativa *Terra Sonâmbula* (1992/2016), considerando-se o contexto histórico de Moçambique, que é marcado pela luta pela Independência e pelo conflito civil interno e armado. Assim, para a realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica, a luz de teóricos que tratam a respeito das Literaturas Africana de Língua Portuguesa e Moçambicana, como Francisco Noa (2015; 2017), Pires Laranjeira (1995; 2012) e Ana Mafalda Leite (2012), bem como dos que discutem a onomástica e a antroponímia, como Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992; 1998), Patricia de Jesus Carvalinhos (2007) e Marcia Sipavicius Seide (2016). Verificou-se neste estudo, que o nome tanto dentro da literatura quanto fora dela, é, na maioria das vezes, relacionado com o ser nomeado, visto que, pode sim, denotar significados que se relacionam com os aspectos políticos, históricos e sociais de um determinado povo e que a Onomástica e Antroponímia fornecem suporte teórico para essas conclusões.

Palavras-chave: Onomástica. Antroponímia ficcional. Mia Couto.

ROSA, Lucineia da S. **Name in the formation of the identity:** an analysis of the fictional anthroponymy on *Terra Sonâmbula* by Mia Couto. 2018. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Letras Português e Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

ABSTRACT

The present work has as theme the African literature of Portuguese language, more specifically the Mozambican literature, in which is inserted the literary poetic writing of the writer Mia Couto, author of several novels, ales and poetry. Mia Couto is considered one of the most important writers in Portuguese Language and he is one of the most translated writers in the world. His works highlight Africa and its africanities, myths, legends, rituals and traditions, creating through re-creative language, a link between ancestry and modernity. Given this and from the observation of the humor and creativity with who Mia names her characters, it was sought, in this research, to analyze the meanings of the names of the characters in the context of the narrative *Terra Sonâmbula* (1992/2016), considering the historical context of Mozambique, what is marked by the struggle for independence and the internal and armed civil conflict. Thus, for the accomplishment of this work, a bibliographic research was carried out, the light of theoreticians dealing with the African Literatures and Mozambican Literature, as Francisco Noa (2015;2017), Pires Laranjeira (1992;1995) and Ana Mafalda Leite (2012). As well as those discussing the onomastic and the anthroponymy as Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992;1998), Patricia de Jesus Carvalhinhos (2005) e Marcia Sipavicius Seide (2016). It was found in this study that the name both within the literature and outside it is in the most cases, related to the being named, since it can, denote meanings that relate to the aspects, social, political, historical and social of a certain people and that the onomastic and anthroponymy provide a great theoretical support for the completion of the work.

keywords: Onomastic. Fictional Anthroponymy. Mia Couto.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEMO	Associação dos Escritores Moçambicanos
AIM	Agência de Informação de Moçambique
FNLA	Frente Nacional de Libertação de Angola
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
ICOS	<i>The International Council of Onomastic Sciences</i>
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
PAIGC	Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde
RENAMO	Resistência Nacional de Moçambique
UniLúrio	Universidade Lúrio
UNITA	União Nacional para a Independência Total de Angola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A ONOMÁSTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS	14
1.1 ANTROPONÍMIA – O ESTUDO DOS NOMES PRÓPRIOS	14
1.2 ANTROPONÍMIA FICCIONAL – O ESTUDO DOS NOMES LITERÁRIOS.....	19
2 ÁFRICA, MOÇAMBIQUE E MIA COUTO.....	24
2.1 LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	24
2.2 LITERATURA MOÇAMBICANA.....	28
2.3 MIA COUTO: VIDA, OBRA E ESCRITA.....	30
3 UMA ANÁLISE DA ANTROPONÍMIA FICCIONAL NO ROMANCE <i>TERRA SONÂMBULA</i>, DE MIA COUTO.....	35
3.1 <i>TERRA SONÂMBULA</i> : UM RESUMO.....	35
3.2 VINTICINCO DE JUNHO	36
3.3 KINDZU	41
3.4 VOZES ESTRANGEIRAS EM <i>TERRA SONÂMBULA</i>	44
3.4.1 Surendra Valá - <i>O Monhé</i>	44
3.4.2 Assma.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a Literatura Africana de Língua Portuguesa, mais especificamente a Literatura Moçambicana, na qual está inserida a escrita poética literária do escritor Mia Couto, autor de diversos romances, contos e poesias. Ele é considerado um dos mais importantes escritores moçambicanos em Língua Portuguesa e um dos mais traduzidos no mundo, sendo que uma das suas principais características é destacar a África e suas africanidades, os mitos, as lendas, os rituais e as tradições, criando, por meio da linguagem, um elo entre a ancestralidade e a modernidade.

Vale ressaltar que Mia enfatiza sempre o contexto político/social colonial e pós-colonial que envolve a luta pela Independência de Moçambique (1965-1975) e o conflito civil armado, que ocorreu do ano de 1977 até 1992, entre a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), da qual ele fez parte, e a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO).

Diante da magnitude dessa literatura, da importância que Mia Couto tem no processo de independência de Moçambique e da sua contribuição literária para com a construção da identidade política, social e cultural do povo moçambicano, é que surgiu a ideia da realização de uma análise dos nomes das personagens que compõem o romance *Terra Sonâmbula* (1992/2016¹).

Para a análise, pensou-se na Antroponímia Ficcional, que poderia relacionar os nomes aos aspectos culturais, históricos e sociais encontrados dentro da narrativa. O tema da literatura moçambicana possui grande relevância, pois uma vez colocada a importância que a literatura moçambicana teve no processo de resgate da identidade dos moçambicanos no período pós-independência, destaca-se ainda, a ausência de estudos onomásticos e antroponímicos.

Assim, por meio dessa perspectiva e com o intuito de contribuir para esses estudos, propôs-se neste trabalho analisar como os nomes das personagens, no romance objeto de pesquisa, retratam a tradição e a realidade social moçambicana e quais são os elementos culturais presentes na narrativa que estabelecem relação com os nomes dessas personagens.

¹ 1992 refere-se ao ano da publicação original do romance “Terra Sonâmbula” e 2016 refere-se à edição utilizada neste trabalho.

Para isso, após a leitura de alguns dos livros do autor, selecionou-se *Terra Sonâmbula*, o mais importante do autor, tendo sido considerado pelo júri da Feira Internacional do Livro do Zimbabwe como um dos melhores livros africanos do século XX, publicado pela primeira vez em 1992, com o objetivo de analisar quais significados os nomes possuem na narrativa, considerando-se o contexto histórico e cultural de Moçambique.

Um dos fatores que incidiu sobre a escolha do tema foi a observação da capacidade inventiva e distinta com que Mia Couto nomeia as suas personagens. Assim, a partir do presente trabalho, buscou-se também fazer uma pesquisa que contribua para o estudo da onomástica, da antroponímia e da antroponímia ficcional, bem como de Mia Couto e da literatura africana moçambicana, levando-se em conta aspectos como a história do povo moçambicano. O método a ser empregado é o da pesquisa bibliográfica, que se dará a partir do estudo de teóricos que servirão de base para esta pesquisa.

A fim de analisar os objetivos propostos, este trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro, apresentado na sequência desta *Introdução*, intitula-se *A Onomástica e seus desdobramentos* e, nele, se faz alguns esclarecimentos a respeito dessa ciência, bem como da Antroponímia e da Antroponímia Ficcional, tais como: origem, função, designações e conceitos. Neste capítulo, serão utilizados os embasamentos teóricos de autoras como Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992; 1998), uma pioneira nos estudos onomásticos; Patricia Carvalhinhos de Jesus (2007), única brasileira que integra o Conselho Internacional de Ciências Onomásticas (ICOS); e Marcia Sipavicius Seide (2016), outro nome que é referência dentro dos estudos onomásticos no Brasil, dentre outros.

No segundo capítulo, *Literatura Africana de Língua Portuguesa*, realiza-se um percurso histórico a respeito de quais países a produzem e como e quando ela surge. Para isso, utilizou-se os conhecimentos teóricos de José Pires Laranjeira (1995), Francisco Noa (2015), Ana Mafalda Leite (2012), dentre outros. Além disso, ainda no capítulo dois, são feitas algumas considerações a respeito da Literatura Moçambicana e sobre o escritor Mia Couto, sua vida e obra, bem como sobre seu processo de escrita.

No terceiro capítulo, *Uma análise da antroponímia ficcional no romance Terra Sonâmbula, de Mia Couto*, faz-se um resumo da narrativa para, em seguida, realiza-se uma análise interpretativa dos nomes das personagens *Vinticinco de Junho* e

Kindzu, relacionando-os com os aspectos narrativos, históricos e culturais que envolvem Moçambique. Além desses nomes, analisa-se também algumas das vozes estrangeiras que estão presentes, tais como as personagens indianas Surendra Valá e sua esposa Assma. Para isso, procurou-se a etimologia e/ou a origem dos nomes, a fim de comprovar se esses estabelecem ou não relações culturais, sociais, psicológicas e/ou físicas com tais personagens.

Pode-se afirmar que a análise que será feita tem o objetivo de verificar se o nome funciona como uma metáfora da expressão dos sentimentos do povo e da história de Moçambique, procurando a relação do nome com a identidade, a fim de compreender o significado que o nome pode assumir em obras literárias.

Por fim, apresentam-se as *Considerações Finais*, momento em que serão retomadas as ideias principais abordadas ao longo do trabalho e, na sequência, apresentam-se as *Referências* que serviram de embasamento teórico para a construção deste estudo.

1 A ONOMÁSTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Sofro, afinal, a doença da poesia:
sonho lugares em que nunca estive
(Mia Couto)

Para analisar a função dos nomes próprios e quais as relações sociais e identitárias que eles estabelecem com a cultura, com o social e com o político no contexto da narrativa do romance *Terra Sonâmbula* (2016), do autor moçambicano Mia Couto, e que será o objeto deste estudo, é preciso levar em consideração a linguagem, a língua e a palavra, já que todas são carregadas não só de significados, mas também de ideologias. Bakhtin (1988, p. 15), acerca dessa relação do sistema linguístico com a hierarquização do poder e com meio social, assim explicita:

A palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder.

Para compreender como a escolha dos nomes das personagens do livro que será analisado retratam a tradição e a realidade político/social de Moçambique e contribuem para a construção da identidade moçambicana no contexto da narrativa, é necessário o estudo da Antroponímia, nesse caso, serão apresentados os aspectos da Antroponímia Ficcional, tais como origem, função, designações e conceitos.

1.1 A ANTROPONÍMIA – O ESTUDO DOS NOMES PRÓPRIOS

Diz o meu nome
como se eu te fosse estranho
como se fosse intruso
para que eu mesmo me desconheça
e me sobressalte
quando suavemente
pronunciaries o meu nome
(Mia Couto)

A Onomástica é uma das áreas da linguística que está inserida no campo geral da lexicologia. Com raiz etimológica no vocábulo grego *onoma*, nome, é muito utilizada como recurso no estudo dos nomes próprios de qualquer gênero: pessoas, animais, objetos, fenômenos naturais e invenções.

Essa ciência divide-se ainda em antroponímia e em toponímia. A primeira, a antroponímia, também tem sua origem advinda do grego: *antropo*, pessoa, e *onímia*, nome. É utilizada no estudo dos nomes próprios “[...] e objetiva explicar a origem e as variações dos nomes relacionadas ao local e à época”. (DAVID; SIQUEIRA, 2014, p. 46). A segunda, a toponímia, também originária de vocábulos gregos, *topos* e *onímia*, respectivamente lugar e nome, é responsável pelo estudo dos nomes dos lugares ou estudo das nomeações espaciais, que pode “[...] considerar a etimologia, o caráter semântico da palavra e suas transformações linguísticas, principalmente as fonéticofonológicas e as morfológicas [...]” (DAVID; SIQUEIRA, 2014, p. 48), ou seja, a essas ciências cabe a função de atribuir nomes a tudo que existe e/ou possa vir a existir, além de investigá-los. A função da antroponímia é reforçada por Dick (1992, p. 185), considerada uma das maiores estudiosas da área no Brasil, quando afirma que ela exerce “[...] o papel de verdadeiros registros do cotidiano, revelado em atitudes e posturas sociais, específicas a determinados grupos humanos [...]”.

De acordo com Baldez e Silva e Moraes (2015), o estudo da nomeação de seres, coisas, animais e lugares é interdisciplinar, pois leva em consideração os elementos de natureza física, que é a relação do homem com o ambiente em que vive e os de natureza antropocultural, que são os elementos de ordem sócio-histórica e cultural, abrangendo diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, a História, a Linguística e a Antropologia. A antroponímia, portanto, sendo um dos desdobramentos da onomástica, é a ciência utilizada para estudar especificamente os nomes próprios de pessoas.

Quanto à Onomástica, é importante observar que há mais de uma nomenclatura que lhe é dada. De acordo com Silva e Silva (2016, p. 70, grifos dos autores), ela também pode ser denominada por:

[...] onomasiologia, onomástica, onomatologia, glotologia, pantonímia, etc. Vasconcellos (1928, p. 177) diz que os filólogos convieram em designar por ‘Onomasiologia’ a ciência que estuda as várias espécies de nomes próprios, subdividida em três disciplinas secundárias: (i) estudo de nomes locais, ou ‘Toponímia’; (ii) Estudo dos nomes de pessoas, ou ‘Antroponímia’; (iii)

estudo de vários outros nomes próprios, ou ‘Pantonímia’ (de pantóios, que quer dizer ‘de toda a espécie’, ‘variado’).

Além disso, Fernandes (apud SILVA; SILVA, 2016, p. 70), subdividiu-a da seguinte forma:

Antonímia: estuda antônimos (nomes de sentido contrário); Antroponímia: antropônimos (nomes próprios); Astronímia: astrônimos (nome de astros); Axionímia: axiônimos (nomes das formas de tratamento, de reverências e títulos honoríficos); Biblionímia: bibliônimo (nome de livros ou obra impressa); Criptonímia (sinônimo de pseudonímia): criptônimo (sinônimo de pseudônimo); Cromonímia: cromônimo (nome indicativo de cor); Crononímia: cronônimo (nome indicativos de tempo); Eponímia: epônimo (nome formado a partir de outros nomes); Etonímia: etnônimo (nomes de povo e raça); Heortonímia: heortônimo (nome de festas); Heteronímia: heterônimo (nomes imaginários). Diferentemente do pseudônimo, o heterônimo possui características totalmente diferente do verdadeiro autor; Hieronímia (ou hagonímia): estuda hierônimos ou hagiônimo (nomes de santos); Homonímia: homônimo (nomes iguais, mas significados diferentes); Metonímia: metônimo (mudança de nome); Mitonímia: mitônimo (nome mitológico); Panteonímia: panteônimos (nomes de animais, astros, ventos, etc.); Paronímia: parônimo (palavra que apresenta semelhança em relação à outra, sendo quase um homônimo, com pequena diferença na grafia e na pronúncia); Patronímia: patrônimo (sobrenome derivado do nome do pai); Potamonímia: potamônimo (nome de rios). Ver: hidronímia; Prosonímia: prosônimo (apelido). Pseudonímia: pseudônimo (nome falso adotado por alguém para esconder o verdadeiro nome); Sinonímia: sinônimo (palavra de sentido semelhante à outra); Teonímia: teônimo (nome de deuses); Toponímia: topônimo (nome de lugares).

A onomástica, portanto, antes de ser uma ciência, é o resultado da ação humana de nomear coisas e lugares, uma prática “[...] que configura-se como um comportamento do homem desde os tempos mais remotos, cujos registros históricos atualmente nos servem como testemunhos”. (SANTOS, 2017, p. 225).

Para Dick (1992), a relação entre o léxico, o homem e o lugar habitado permite aos estudiosos dessa área e de outras áreas do conhecimento, a realização de um mapeamento do padrão de comportamento, da natureza do solo, das condições climáticas, mas acima de tudo das manifestações culturais e das alterações linguísticas dos mais variados povos.

Ainda em relação ao ato de nomear onomasticamente, Dick (1998) classifica-o como um ato intelectual, pois distingue-se dos atos de constituir e de criar palavra. Para concretizar o ato de nomeação, a palavra, sendo um elemento do léxico, precisa passar por um processo da língua:

Para se tornar nome, a palavra passa por um experimento seletivo e interpretativo, que pressupõe a articulação pelo nomeador (ou enunciador/emissor) de conceitos, valores, intenções, códigos e usos

convencionais, de modo a constituir, como diz Foucault (1995:153), quase 'uma linguagem segunda a partir dessa linguagem primeira'. (DICK, 1998, p. 101, grifo da autora).

Depois desse processo, é que a palavra penetra no campo onomástico e ganha forma, ou seja, passa do nível lexical para o nível onomástico, devido à “[...] representação externa ou do referente e o modo pelo qual os nomes se atrelam as entidades representadas”. (DICK, 1998, p. 101).

Quanto ao estudo dos nomes próprios, a partir de registros documentais escritos, a onomástica permite o acesso às suas raízes etimológicas, ao contexto situacional, histórico e ideológico. Nessa classe, estão os topônimos (nomes de lugares) e os antropônimos (nomes de pessoas), estes últimos subdivididos em “[...] prenomes, sobrenomes, patronímicos, hipocorísticos e pseudônimos [...]” e “[...] que podem ser decorrentes de modismos ou ser nomes tradicionais, os quais revelam aspectos culturais, históricos e de identidade. (DICK, 1992, p. 201).

Para o estudo dos nomes próprios e a tentativa de esclarecer quais as relações sociais e identitárias que eles estabelecem com os contextos culturais, sociais e políticos, o estudo da antroponímia se faz imprescindível, uma vez que a nomeação de tudo que existe se faz por meio da linguagem.

Além dessas designações, Seide (2016) esclarece que, no que diz respeito ao uso dos termos utilizados na Antroponímia, existe uma outra área chamada Antroponomástica, que também é utilizada na investigação dos nomes próprios de seres humanos, reais ou fictícios: “Enquanto o primeiro termo designa um conjunto de nomes próprios de pessoa, o segundo designa um conjunto de nomes próprios de lugares”. (SEIDE, 2016, p. 1147).

Ainda de acordo com a revisão de literatura realizada por Seide (2016), essa diferenciação foi feita pelo *The International Council of Onomastic Sciences (ICOS)*, em português Conselho Internacional de Ciências Onomásticas. O ICOS é um órgão internacional que substituiu o antigo Comitê Internacional de Ciências Onomásticas, que, como sociedade fechada, cooptava exclusivamente representantes de países e, portanto, não estava aberto a estudiosos individuais. Já a nova versão organizacional do conselho, realiza o Congresso Internacional de Ciências Onomásticas a cada três anos e atualmente a organização é destinada a todos os interessados no estudo dos nomes, sejam eles, de lugares, de pessoas ou de outros tipos. Quanto ao objetivo do Conselho, o ICOS busca “[...] a representação e a

coordenação da pesquisa de nomes em nível internacional e em um contexto interdisciplinar”. (ICOS, 2018, tradução nossa).

Em relação à denominação dada aos estudiosos das ciências onomásticas, o Conselho define-os como “onomásticos”. Além disso, explica que o trabalho realizado por eles vai além do estudo dos nomes próprios por si só, pois geralmente pode ser realizado de nove maneiras diferentes, sendo elas:

1. a história dos nomes individuais ou dos nomes encontrados em determinados grupos sociais ou áreas, para descobrir os seus significados originais e estabelecer os seus padrões de distribuição social ou geográfica
2. os dispositivos linguísticos que são utilizados para criar nomes e mantê-los em circulação, em associação com a língua ou línguas da Comunidade que os utiliza
3. padrões atuais e processos de nomeação, para estabelecer a distribuição e popularidade de nomes particulares ou tipos de nome
4. as conotações de nomes, por exemplo, como, ou se, nomes pessoais se relacionam com a personalidade ou estão sujeitos a mudanças na moda
5. como os nomes diferentes podem se aplicar à mesma entidade, mesmo na mesma cultura, por exemplo na nomeação do animal de estimação ou apelido
6. como as palavras e as frases ordinárias podem tornar-se nomes próprios, e reciprocamente, e/ou como podem ser usadas metaforicamente ou tornar-se associadas com as entidades que não são a coisa original nomeada [...]
7. os problemas práticos criados pelo fato de que os nomes são usados entre os limites linguísticos e que os diferentes nomes podem se aplicar à mesma entidade; para nomes de lugar, por exemplo, os onomásticos podem sugerir usos de padrão internacional, afim de resolver litígios sobre eles
8. a nomeação de pessoas, lugares, etc... em mundos de segunda ordem, como mito, literatura e cinema, e em mundos sobrenaturais
9. o que os nomes próprios em geral são e o que eles fazem (como eles são usados), a fim de refinar a nossa compreensão da sua natureza (ICOS, 2018, tradução nossa).

Quanto à história do sistema antroponímico, pode-se dizer que está em processo de transformação desde a época medieval, evoluindo conforme as necessidades do homem, pois desde os tempos antigos ele sente a necessidade de diferenciar-se de outrem. Não é à toa que diversos nomes já são pré-selecionados pelos pais antes mesmo do nascimento dos filhos, na tentativa não só de identificá-los, mas também de diferenciá-los dos demais. Santos (2003, p. 229), em *História Geral: a onomástica, o indivíduo e o grupo*, afirma que:

[...] o nome, no cotidiano do indivíduo, um dos primeiros atributos que recebe, e simultaneamente, expressão e reflexo da mentalidade daquele que o determina e do meio social em que aparece, até hoje não tem sido objecto eleito de reflexão dos historiadores.

A partir dessa afirmação, percebe-se ainda que, apesar do ato de designar ser presente no cotidiano de um indivíduo e de existir uma preocupação em

estabelecer as relações de significado do nome com o ser designado, o campo de estudo pertencente à onomástica e à antroponímia é recente e pouco explorado.

Por sua vez, Carvalhinhos (2007), única brasileira integrante do *The International Council of Onomastic Sciences* (ICOS), afirma, em *A origem dos nomes de pessoas*, que pode haver ausência da função significativa no ato de nomeação dos nomes próprios de pessoas, não tendo obrigatoriamente, ligação ideológica, histórica, etc.

Sendo assim, se a designação atribuída a alguém é a expressão e o reflexo de quem o nomeou, esse pode ter ou não uma relação de significado estabelecida com o ser designado, ou seja, esse indivíduo nomeado pode ou não condizer com o nome recebido em relação a aspectos físicos, psicológicos e emocionais, entre outros.

1.2 A ANTROPONÍMIA FICCIONAL – O ESTUDO DOS NOMES LITERÁRIOS

O sonho é o olho da vida.
(MIA COUTO)

A investigação dos nomes por meio dos estudos onomásticos e antroponímicos ou estudos antroponomásticos, como também são chamados, é pouco conhecida e divulgada devido à ausência de estudos na área, tanto no Brasil quanto no mundo. Para Seide (2016, p. 1147-1148) a antroponomástica estuda:

[...] os nomes próprios de seres reais ou fictícios. Outro esclarecimento [...] diz respeito ao uso dos termos antroponímia e antroponomástica. [...] o primeiro termo designa um conjunto de nomes próprios de pessoa, o segundo designa um conjunto de nomes de lugares. Não obstante, [...] há pesquisadores, dentro e fora do Brasil, que utilizam o termo antroponímia tanto para designar tanto o objeto de estudo quanto para se referir à disciplina. Por este e outros motivos a terminologia da área não se encontra totalmente padronizada uma vez que, por exemplo, para se referir ao estudo sociolinguístico dos nomes próprios o termo consagrado pelo uso é Socioantroponímia e não Socioantroponomástica.

Quando utilizada para a realização de trabalhos acadêmicos na investigação literária dos nomes em geral, pode ser denominada como onomástica literária; já na investigação literária de nomes próprios de pessoas, pode ser denominada como antroponímia ficcional ou literária.

Seide (2016) fez um levantamento geral dos estudos antroponomásticos, ou seja, uma amostra de artigos da área publicados em 2014 nos Anais relativos ao vigésimo quarto encontro do ICOS, realizado entre 5 e 9 de setembro de 2011 e dos métodos utilizados nas pesquisas mais recentes realizadas internacionalmente na área. Segundo ela, os artigos selecionados relatavam pesquisas concluídas ou em desenvolvimento sobre os antropônimos publicados nas línguas inglesa, francesa, espanhola e catalã e os artigos exclusivamente teóricos e escritos em alemão não foram considerados.

Durante o processo de revisão de literatura, a autora constatou que há uma limitação em relação à produção de trabalhos científicos voltados ao estudo da antroponímia e da antroponímia ficcional:

Das comunicações apresentadas no evento realizado em Barcelona em 2011, foram publicados 302 artigos nos Anais cuja publicação ocorreu em 2014. Do total de artigos, 71 não estavam escritos em língua alemã, não eram de natureza exclusivamente teórica, e tinham por objeto de estudo exclusivo os nomes próprios de pessoas. Deste total, foram lidos e avaliados 33 artigos escolhidos aleatoriamente totalizando mais de 330 páginas em formato A4. [...] mediante o critério relativo a se a pesquisa era de natureza unidisciplinar, multidisciplinar ou interdisciplinar, contudo, mostrou ser necessário refinar a análise, considerando-se o fato de as pesquisas cujos objetos de estudo eram os nomes ficcionais (categoria que abrange tanto os nomes fictícios presentes em obras literária, quanto os nomes de personagens de obras audiovisuais) e/ou focavam os estudos da tradução [...] Separando-se as pesquisas deste tipo das demais, chega-se ao seguinte resultado: 10 tratam de antroponímia ficcional [...]. (SEIDE, 2016, p. 1153 – 1154).

Apesar da escassez dos estudos onomásticos e antroponímicos em relação à quantidade de textos publicados em nível internacional, Seide (2016, p. 1156) destaca “[...] a grandeza e a importância da área, [...]”. A autora ainda indica caminhos para os interessados nesses estudos, sejam eles iniciantes ou especialistas:

[...] os interessados em estudar cientificamente os nomes próprios de pessoas, com base nesta avaliação de trabalhos recentemente publicados em âmbito internacional tem diante de si vários caminhos alternativos a trilhar. Especialistas em língua estrangeira podem ficar tentados a empreender estudos na área da Antroponomástica Comparada, os que se dedicam aos estudos literários apreciarão a Antroponomástica Ficcional, os que estudam a língua em seus aspectos históricos e/ou diacrônico atentarão para os estudos da Antroponomástica Histórica, os que priorizam os aspectos sócias em que se pautam o uso linguísticos, por sua vez, poderão se interessar pela Socioantroponomástica, etc. (SEIDE, 2016, p. 1167).

Seide (2016) também afirma que em alguns dos artigos sobre os antropônimos, um segundo nível de colaboração entre disciplinas foi atingido, nos casos “[...] em que o objeto de estudo era os nomes de personagens fictícios, por exemplo, não foi difícil perceber as contribuições mútuas entre a Literatura e a Linguística.” (p. 1153). Apesar da possibilidade de colaboração entre as diversas disciplinas, em relação à unidisciplinaridade, multidisciplinaridade e à interdisciplinaridade, constatou-se que há

[...] poucos artigos relatando pesquisas limitadas ao estudo dos antropônimos de um ponto de vista estritamente linguístico. Estudos voltados a antroponímia ficcional não são unidisciplinares pela relação intrínseca e necessária com estudos literários e/ou artísticos; estudos que relacionam o uso dos antropônimos com a sociedade, a história, a cultura, políticas linguísticas que tem um viés sociolinguístico cuja interdisciplinaridade é constitutiva, a maioria dos artigos, aliás, encontra-se nessa categoria. (SEIDE, 2016, p. 1154).

Atualmente, o nome próprio é, por sua vez, também muito utilizado na literatura, sendo parte essencial na construção do enredo das narrativas e das personagens. Porém, nem sempre esse aspecto foi tão valorizado pelos escritores. De acordo com Campos (2014, p. 56, grifos da autora):

[...] os autores nem sempre nomearam as suas personagens como fazem atualmente. Eles nem sempre entenderam, como passaram a conceber a partir do século XIX, que ‘o nome próprio é uma coisa capital’ em um romance, segundo a célebre frase de Gustave Flaubert [...].

Nessa linha, é importante compreender a personagem à luz da teoria literária, que condena a confusão entre pessoa e personagem,

[...] a necessidade de se compreender esse último tendo como único universo de análise a narrativa em que está inserido e de analisá-lo do ponto de vista das ações de que é o sujeito. No que concerne ao problema do significante do personagem, mais especificamente de seu nome próprio, chamou-se a atenção para a possibilidade de ‘ele ser motivado, enfatizando a diferença em relação ao nome próprio em geral.’ (HAMON, 1977; RIGOLOT, 1977 apud CAMPOS, 2014, p. 56, grifo da autora).

Em relação ao nome próprio, que em geral se refere a pessoas, Rigolot (1977, p. 11-12 apud CAMPOS, 2014, p. 56) esclarece que é um

[...] signo linguístico, o nome próprio singulariza-se por ser desprovido de sentido, portanto, de relação de significação (estabelecida entre significante e significado), a ele sendo reservada a relação de denotação (estabelecida

entre a palavra e o objeto). Sua função é a identificação pura: distinguir e individualizar uma pessoa ou coisa.

Em relação ao nome próprio utilizado na literatura, destinado às personagens, de acordo com a teoria literária, “[...] pode ser dotado de significado, isto é, ser *motivado*. Nesse sentido, ele entrará em relação com a personagem designada, de maneira harmônica ou antifrástica”. (RIGOLOT, 1977, p. 11-12 apud CAMPOS, 2014, p. 56, grifos da autora).

Em resumo, o nome próprio tratado exclusivamente como signo linguístico, dentro da disciplina da Linguística, “[...] é descrito apenas como um tipo particular de signo, composto apenas por significante (o som ou a grafia da palavra) e referente, destituído de sentido, [...] de significado.” Enquanto que o nome próprio, quando tratado como um “*topos literário*”, dentro de uma narrativa, se torna uma parte “fundamental do gênero, pois “o nome próprio pode assumir uma significação – ser *motivado*.” (CAMPOS, 2014, p. 68-71).

Seabra (2006, p. 1954), em *Onomástica e Referência*, esclarece a diferença entre *nome* e *palavra* e o processo de transmigração por meio da operação mental que resulta na cristalização do nome:

[...] o nome – distinto da palavra – [...] pressupõe um nomeador e um nomeado, uma representação externa à qual ele se une: “o nomeador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceptuais, que incorpora a função referencial, sobre o que recairá a ação de nomear), o receptor (ou o enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação, na qualidade de sujeito passivo)”. Nessa transmigração a palavra se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico, transcodificando-se, ou seja, do plano onomasiológico da língua (da designação) se integra ao plano semasiológico (da significação). Na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o nome [...]. Por se tratar de estudos que envolvem a função referencial ou denotativa da linguagem, não se pode falar em onomástica – toponímia e antroponímia – sem se esbarrar na questão da referência.

Seabra (2006, p.1955) também reforça que a Onomástica, enquanto disciplina operante no universo linguístico, trata da linguagem “[...] e tem merecido a atenção dos pesquisadores quando se põe em destaque a língua como fato social”. Por isso, põe em destaque a questão da referência, pois, segundo ela, a referência não é apenas sistemática e classificatória, pois as relações vão além da relação da palavra com o referente e envolvem também relações históricas e culturais:

Julgamos que falar de referência em Onomástica implica falar em cultura, história e rede social. Apreendida, transmitida, herdada de geração a geração pelo homem, mediante a comunicação linguística, sujeita, portanto, a

influências do ambiente, a cultura não representa, unicamente, aspectos da realidade, mas também conecta os indivíduos, os grupos, as situações e os objetos, com outros contextos. [...] o significado se realiza não só por meio de relações convencionais entre os signos e seus conteúdos, mas também por meio de conexões entre aspectos selecionados de várias situações. Como parte integrante da cultura, a linguagem serve para categorizar o mundo através de sistemas de classificação, taxonomias, que podem, por sua vez, ser portadores de inestimáveis indícios sobre crenças e práticas culturais. (SEABRA, 2006, p. 1956).

A partir dessas discussões, é possível afirmar que a antroponímia é responsável pelo estudo dos nomes próprios de pessoas, dos nomes parentais, dos sobrenomes, das alcunhas e dos apelidos. Por isso, os recursos onomásticos, antroponímicos e linguísticos serão utilizados para compreender como a escolha dos nomes das personagens do escritor Mia Couto, retratam por meio da antroponímia ficcional, a tradição e a realidade político/social de Moçambique e contribuem para a construção da identidade moçambicana no contexto da narrativa.

2 ÁFRICA, MOÇAMBIQUE E MIA COUTO

Devia era, logo de manhã, passar um sonho pelo rosto.
É isso que impede o tempo e atrasa a ruga.
(Mia Couto)

Este capítulo tratará da Literatura Africana, enquanto literatura emergente, seus aspectos conceituais, históricos, culturais, linguísticos e classificatórios. Além disso, também se fará uma apresentação do percurso histórico da Literatura Moçambicana, bem como a sua periodização e importância, relacionando-a com os aspectos políticos/sociais e culturais de Moçambique. Por fim, apresenta-se o autor moçambicano Mia Couto e algumas considerações a respeito do seu processo de escrita.

2.1 LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Quem não tem amigo é que viaja sem bagagem.
(Mia Couto)

Antes de iniciar a discussão deste tópico, é importante registrar que, neste trabalho, se usará a expressão “Literatura Africana de Língua Portuguesa”, por ser a sua designação global, embora em alguns trabalhos ela seja designada como “Literatura Africana de Expressão Portuguesa.” Feito esse registro, classifica-se essa como as literaturas produzidas em língua portuguesa no continente africano, nos seguintes países: Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau.

De acordo com José Pires Laranjeira (1995), durante o período colonial, em África, no início da década de 60, o nível educacional das colônias portuguesas era baixíssimo, a população negra não lia jornais nem obras literárias. Os textos literários eram lidos somente pelos assimilados, que serviam ao setor terciário ou eram usados como mão de obra escrava ou barata.

Em relação às línguas, eram utilizadas a portuguesa e as nativas, e cada uma delas tinha uma finalidade: o uso da língua portuguesa era aliado às línguas nativas para o ensino da religião, enquanto que o uso da língua portuguesa tinha o objetivo de assimilação, e até a Segunda Guerra Mundial não surtiu o efeito desejado. Por isso, após 1945, procurou-se

[...] acelerar a assimilação, fazendo um esforço para generalizar o ensino primário, desenvolver o secundário, sobretudo técnico, a educação agrícola e criando instituições para a formação de professores. Todavia, o ensino superior, ao contrário de outras colônias (sic), inglesas ou francesas, apenas estava ao alcance de um número reduzido de estudantes, sobretudo brancos e mestiços. Com a fundação e a pressão exercida pelos movimentos nacionalistas, e logo depois do início da luta de libertação nacional armada (Luanda, 1961), foram instalados os Estudos Gerais, de nível universitário, a partir de 1963, nas cidades angolanas de Luanda, Sá da Bandeira e Nova Lisboa, e na capital moçambicana, até hoje os únicos territórios que deles beneficiaram. (LARANJEIRA, 1995, p. 24).

Contra esse sistema de dominação imposto pelos colonizadores, começam a surgir movimentos em prol da libertação dos países. Surgem, por exemplo, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) (Angola), o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Esses movimentos assumiram o poder e criar seu próprio sistema de ensino e de alfabetização, mas não conseguiram substituir as escolas coloniais e atingiram somente seus militantes clandestinos e a população que os apoiava. Além disso, apenas os movimentos de libertação da Angola, da Guiné-Bissau e Cabo Verde e de Moçambique tinham uma preocupação cultural, além das políticas e das militares. (LARANJEIRA, 1995).

Na segunda metade da década de 1940, por meio de instituições literárias, deu-se início a criação e a circulação dos textos literários. Incentivada com prêmios e reconhecida pelas entidades oficiais, passava a vigorar então a literatura colonial, que, de acordo com Laranjeira (1995, p. 26-27),

[...] era incentivada oficialmente para funcionar como instrumento ideológico do estado colonial, sobretudo para um público europeu (em Portugal), e colonial (os colonos e gente de permanência temporária), que mostrasse um imaginário de aventura e mistério e acentuasse a legitimidade da visão dominadora sobre o negro. [...] A literatura colonial servia para devolver ao leitor a imagem do seu papel de desbravador de terras e civilizador de gentes, reiterando-lhes a consciência de um ser de condição e estatuto superiores.

Não havia portanto, uma literatura verdadeiramente africana ou uma literatura negra que representasse a África nas questões identitárias, como na cor ou na valorização dos aspectos culturais, por exemplo. Nesse momento, a literatura colonial era

[...] escrita e publicada, na maioria esmagadora, por portugueses de torna-viagem, numa perspectiva de exotismo, evasão, preconceito racial e reiteração colonial e colonialista, em que a visão de mundo, o foco narrativo e as personagens principais eram de brancos, colonos ou viajantes, e, quando integravam os negros, eram estes avaliados superficialmente, de modo exógeno, folclórico, e etnocêntrico, sem profundidade cultural, psicológica, sentimental e intelectual. (LARANJEIRA, 1995, p. 26).

Devido a ânsia de independência e de libertação da dominação colonial e a falta de representatividade literária para com o povo africano, surgiu uma nova literatura africana:

[...] o fato de essas literaturas, enquanto fenômeno de escrita, serem não só relativamente recentes, com anos aproximadamente, mas também terem nascido no contexto da dominação colonial, o que à partida determinou uma configuração e um sentido determinados que passariam inevitavelmente pela negação das construções e símbolos inerentes à ordem hegemônica. (NOA, 2015, p. 68).

Apesar de considerada uma literatura relativamente nova, as literaturas africanas de língua portuguesa, de acordo com Leite (2012, p. 15),

[...] têm tido o seu maior desenvolvimento editorial e criativo, e ainda crítico, nas últimas décadas, após o acesso às independências políticas dos cinco países africanos, em 1975. [...] porque as literaturas nacionais dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa tiveram o seu percurso próprio, um pouco distanciado do que aconteceu no resto da África, exigiram e exigem diferente reflexão.

Surge então, nos países de língua portuguesa no período pós-independência, a literatura pós-colonial, que buscava desconstruir a literatura colonial, trazendo à tona o passado da África com o objetivo de construir uma literatura com uma identidade nacional que, de acordo com Noa (2015):

[...] vai emergindo quer de forma latente quer explícita, alicerçada no conhecimento de si próprio e do seu meio, num exercício de desocultação, interpretação e dignificação dessas mesmas realidades funcionando a literatura, ao mesmo tempo, como restituição, contestação e denúncia. (NOA, 2015, p. 69).

Na nova literatura africana de língua portuguesa do período pós-independência, o foco das narrativas não é apagar o passado, mas tornar possível desconfiar dele, contá-lo a partir do ponto de vista do colonizado e não do colonizador, permitindo questionar e criticar a história. O período pós-colonial foi um período significativo de mudanças sociais, políticas, culturais e literárias para os países africanos de língua portuguesa, pois foi nesse momento que deixaram de ser

colônia para se tornarem nação, deixaram de ser meros coadjuvantes da história para serem não só protagonistas da sua história, mas também os contadores da própria história.

Outro fator importante nas literaturas africanas de língua portuguesa, é o fator cultural e linguístico, como a questão da oralidade por exemplo, que é, entre outros, um dos elementos primordial da identidade do povo africano:

Essa ideia de herança oral, radicada nos mestres africanos, [...] vai levar a criar uma noção de continuidade entre tradição oral e a literatura africana. Criadores e críticos inferem essa relação como uma procura dos traços reveladores da “passagem” da oralidade para a escrita. (LEITE, 2012, p. 18).

A língua a serviço da oralidade na literatura serve como um fator de representatividade cultural do povo africano, como uma ponte entre a ancestralidade e a modernidade, que tem como instrumentos a escrita e a oralidade. Isso deve-se ao fato de que

[...] as literaturas africanas, em particular, têm com o meio natural, social, cultural em que elas emergem e que sobre essas mesmas literaturas exerce um fascínio ilimitado. O primado da realidade tem, nas artes africanas, um profundo poder estruturante. (NOA, 2015, p. 69).

A Literatura Africana de Língua Portuguesa tem como função, em relação ao passado, contestar e denunciar a história para então entendê-la e organizá-la, por isso,

[...] A literatura parece ser um veículo privilegiado, pois, nesse processo, é necessário o entendimento de que, devido ao fato de as memórias virem à tona, em muitos casos, o silêncio pode servir como escudo que protege contra o medo de ouvir as próprias palavras e reviver, conseqüentemente, a experiência traumática. (CALEGARI, 2011, p. 248).

Miranda (2012, p. 17) reafirma a ideia de que as narrativas literárias são sim um espaço privilegiado:

[...] como um espaço privilegiado onde se encenam os grandes questionamentos vivenciados pelo homem da atualidade. A interpretação do passado, sob o olhar crítico do presente, e a articulação – em um único espaço textual - de fatos considerados verídicos e fictícios desestabilizam o conceito de história [...].”

As narrativas que compõem a Literatura de forma geral, mas sobretudo nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, permitem aos leitores transitar entre o

passado e o presente, resgatar memórias, repensar o passado e esperar o futuro.

2.2 LITERATURA MOÇAMBICANA

Cada homem é uma raça.
(Mia Couto)

Atualmente, há uma grande preocupação no que se refere as questões de reconhecimento e valorização das diferentes tradições e culturas e em relação à importância da identidade étnica enquanto ação afirmativa, sobretudo, do povo negro. Essa preocupação, de acordo com Bhabha (2010, p. 19, grifos do autor), professor de Teoria da Cultura e Teoria da Literatura na Universidade de Chicago,

É o tropo dos nossos tempos colocar a questão da cultura na esfera do *além*. [...] O “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado... [...] encontramos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente [...].

A história de resistência do povo negro, da busca pela sua identidade e da sua luta pela manutenção de suas tradições culturais, não é, portanto, algo novo. É parte da história da humanidade que ainda se encontra em transição, de um passado carregado de ideologias opressoras, preconceituosas e segregadoras para um futuro igualitário. Para Calegari (2011, p. 236-237):

Em outros termos, quando se afirma que os negros estão procurando uma integração de sua identidade, nada mais estão fazendo do que dizer que estão buscando entender e organizar o seu passado na tentativa de superação de um trauma coletivo.

Esse trauma coletivo não foi resolvido, pois ainda se sentem as consequências da colonização, da diáspora e da escravidão, refletidas no apagamento da tradição, da cultura e da identidade negra, que culmina na discriminação, no preconceito e na segregação racial. Porém, como afirma Bhabha (2010, p. 21), “O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação”.

Por outro lado, apesar do trauma da fragmentação identitária ou crise de identidade, e da fragilização dos ideais negros, causados pela diáspora, não só, mas sobretudo a comunidade negra, que tem reunido esforços “[...] para restabelecer seu

passado perdido e sua identidade fragmentada.” (CALEGARI, 2011, p. 236). Ainda de acordo com o autor, a busca pelo resgate do passado e da identidade, acontece também por meio das

[...] manifestações artísticas (música, dança, teatro, cinema e literatura) parecem estar afinadas com tal proposta. As artes em geral buscam trazer à tona as diversas formas de preconceito enfrentadas pelos negros, mas procuram também pôr em evidência a dor dos africanos em razão dos malogros históricos. (CALEGARI, 2011, p. 236).

Por isso, não só a história ainda está em fase de transição, como também a literatura, nesse caso, a literatura africana de língua portuguesa moçambicana, que é o foco deste trabalho. Segundo Noa (2017, p. 13), pesquisador, professor e atual reitor da Universidade Lúrio (UniLúrio), localizada em Maputo, Moçambique, a literatura moçambicana emerge da luta contra a dominação colonial e com “cerca de 100 anos de existência” é considerada como “[...] uma literatura relativamente recente” quando comparada a outras literaturas.

As primeiras elites letradas de origem africana na ainda colônia de Portugal, surgiram no início do século XX e se institucionalizaram como os precursores da literatura de Moçambique. Somente na década de 1940, no entanto, é que surge a primeira geração de uma literatura efetivamente moçambicana, que

[...] se debruçava sobre questões ligadas à realidade sociopolítica vivida em Moçambique num tom de revolta contra o colonialismo, de denúncia das arbitrariedades e injustiças geradas pela dominação. [...] fazia-se a exaltação de valores estéticos e éticos locais, [...] responsável pela construção da imagem da moçambicanidade, [...] na afirmação de uma identidade própria que se consuma na forma como se processa a recepção, adaptação, transformação, prolongamento e contestação de modelos e influências literárias. (NOA, 2017, p. 17).

Em 1964, ocorre o “[...] desencadeamento da luta armada e da poesia de combate que exprimia os sentimentos de revolta, de confrontação e a utopia de uma nação por vir, livre e independente” (NOA, 2017, p. 18), mas que era desprovida das preocupações estéticas e muito restrita, visto que essa literatura só se torna conhecida pelo povo depois da Independência de Moçambique em 1975.

No período subsequente à independência, as artes e a literatura moçambicana são dominadas pelo fervor revolucionário e com um grande número de publicações, que se estende até a década de 1980, quando ocorre a revitalização da literatura de Moçambique. Essa revitalização é marcada pela “[...] explosão de

uma liberdade subjetiva e criativa que vai permitir o relançamento de uma escrita que [...] instituiu uma historicidade e uma aura próprias”. (NOA, 2017, p. 19-20).

Além disso, outros dois fatores também foram igualmente importantes nesse processo de renovação da literatura moçambicana já na década de 1980: “[...] a criação da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO, 1982)” e o lançamento da “revista *Charrua* (1984)”. Para Noa (2017, p. 20), nesse momento se destacam “[...] algumas das vozes mais importantes da literatura moçambicana, caracterizadas pela afirmação de uma profunda liberdade estética e temática”, como por exemplo, “Ungulani Ba Ka Khosa, Eduardo White, Armando Artur, Marcelo Panguana e Suleiman Cassamo”.

Grande parte dos autores que surgem nesse momento, acabam por se consagrar nas décadas seguintes, de 1990 e 2000, como Mia Couto, autor a ser analisado neste trabalho.

2.3 MIA COUTO: VIDA, OBRA E ESCRITA

Não viver é o que mais cansa.
(Mia Couto)

Antônio Emílio Leite Couto, mais conhecido como Mia Couto, é um autor moçambicano, nascido na Beira em 5 de Julho de 1955. Pertence a uma família de emigrantes portugueses, cujo pai, Fernando Leite Couto, foi jornalista, poeta e editor, e que dedicou grande parte da sua vida apoiando e promovendo a literatura moçambicana.

Aos 14 anos, por meio de seu pai, publicou seus primeiros poemas no jornal *Notícias da Beira*, posteriormente, dedicou-se à prosa. Em 1972 mudou-se para Lourenço Marques para estudar Medicina. Em 1974, tornou-se jornalista, e com a independência de Moçambique (1975), assumiu o cargo de diretor da Agência de Informação de Moçambique (AIM) em 1976, da revista semanal *Tempo* (1979-1981) e do jornal *Notícias* (1981-1985). Em 1985, abandonou o jornalismo e retomou os estudos na Universidade de Eduardo Mondlane, agora para se formar em Biologia. Especializou-se em Ecologia e, como biólogo, foi o responsável pela preservação da Ilha de Inhaca, em 1992. Atualmente, além de escritor, Mia Couto é professor de Ecologia e diretor da empresa Impacto Ltda.

Além disso, Mia Couto é o diretor e um dos fundadores da Fundação Fernando Leite Couto, juntamente com seus dois irmãos: Fernando Amado Couto, que cuida das relações internacionais e Armando Couto, responsável pela administração financeira da instituição. A fundação foi criada com o objetivo de dar continuidade à obra do pai de Mia Couto, mas sobretudo de promover os novos valores literários de Moçambique:

Promover a literatura, prestando apoio às novas gerações de autores no campo da literatura Moçambicana; Promover e patrocinar acções de formação e de debate sobre literatura, artes e cultura, através da realização de conferências, seminários, debates e colóquios; Apoiar e estimular iniciativas e acções culturais em defesa da difusão da Literatura, da Arte e Cultura Moçambicana; Constituir e montar uma Biblioteca própria de acesso público e apoiar outras bibliotecas localizadas em Moçambique. (FUNDAÇÃO FERNANDO LEITE COUTO, 2018, s.p.).

Seu primeiro livro de poemas intitulado *Raiz de orvalho* foi publicado em 1983. Depois disso, publicou dois livros de contos: *Vozes anoitecidas*, em 1986, e *Cada homem é uma raça*, em 1990. Posteriormente, em 1988, resultado das publicações periódicas, publicou *Cronicando* e, em 1992, finalmente publicou o seu primeiro romance *Terra Sonâmbula*. Como escritor, Mia Couto “[...] é considerado um dos nomes mais expressivos da nova geração de escritores africanos em língua portuguesa.” (CALEGARI, 2011, p. 239).

Além disso, é também o autor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior. Suas obras já foram traduzidas em mais de vinte países e é um dos autores mais vendidos em Portugal. É comparado com o escritor e jornalista colombiano Gabriel Garcia Márquez e com o escritor brasileiro Guimarães Rosa. (FENSKE, 2015, s.p).

Sua bibliografia é composta de poesias, contos, crônicas, romances e algumas obras infantis, com as quais já recebeu vários prêmios. No Brasil, suas obras publicadas pela editora Companhia das Letras são: *Um rio chamado tempo, uma casa chamada Terra* (2003), *O último voo do flamingo* (2005), *O outro pé da sereia* (2006), *A varanda do Frangipani* (2007), *Terra Sonâmbula* (2007), *O gato e o escuro* (2008), *Venenos de Deus remédios do diabo* (2008), *Antes de nascer o mundo* (2009), *O fio das Missangas* (2009), *E se Obama fosse africano?* (2011), *A confissão da Leoa* (2012), *Estórias abensonhadas* (2012), *Cada homem é uma raça* (2013), *A menina sem palavra* (2013), *Vozes anoitecidas* (2013), além de *Mulheres*

de cinzas (2015), *Sombras d'água* (2016) e *O bebedor de horizontes* (2018), os três últimos, pertencentes à trilogia *As areias do Imperador*.

As narrativas de Mia Couto, de acordo com Laranjeira (1995, p. 312, grifos do autor), de uma forma geral,

[...] colocam em situação de exposição, confronto e análise as **várias culturas e crenças do homem moçambicano**. [...] E, quanto a origens, raças, costumes, as histórias nutrem-se de matéria diversificada, mais do que qualquer outro país africano de língua portuguesa. De facto, o espaço etno-social presente [...] abrange **universos culturais muito variados**, que forjam um *melting pot* afro-luso-sino-indo-arabo-goês: africano (banto, negro); luso (europeu, branco); chinês (*amarelo*); indo (indiano); arábico (árabe, muçulmano); goês (indiano, português).

É o caso do romance *Terra sonâmbula* (1992), analisado neste trabalho na sua edição de 2016, no qual Mia Couto, além de utilizar os elementos culturais diversos, como os mitos, as lendas, os rituais e as tradições desses povos, aborda literariamente o contexto político/social pós-colonial e as guerras civis que fazem parte da construção da história de Moçambique como nação e da construção de identidade de seu povo. O autor inclui, também, ao inserir personagens de outras etnias, italianos e árabes, por exemplo, o multiculturalismo.

Com isso, Mia Couto, consegue destacar em suas narrativas a África de um modo geral e as suas africanidades sem ofuscar as características literárias e identitárias de Moçambique, as chamadas moçambicanidades. Ou seja, consegue combinar os elementos de culturas diversas e ao mesmo tempo manter a fisionomia africana moçambicana. (LARANJEIRA, 1995).

Laranjeira (1995, p. 314) destaca também que Mia Couto consegue restaurar a capacidade de narrar por meio das histórias de moçambicanidade “[...] sempre a partir de qualquer coisa acontecida de verdade [...] consciente de que a escrita transforma a realidade apreendida e produz uma outra realidade ficcionada pela atividade dupla de contar e inventar”, simulando, por meio da linguagem, a oralidade, que é uma marca cultural registrada dos povos africanos. Essa marca cultural faz parte da oralidade, e é uma das características africanas mais marcantes, pois “[...] funciona como substrato cultural e como fator constitutivo da identidade da literatura moçambicana” (NOA, 2017, p. 18).

Uma das características de Mia Couto em suas narrativas é destacar a mãe África e suas africanidades, valendo-se dos mitos, das lendas, dos rituais e das

tradições desses povos, e principalmente do contexto político/social colonial, pós-colonial e as guerras civis em suas narrativas.

Mia Couto detém um processo criativo e inovador, que “[...] encara a palavra como a possibilidade de se nomear o mundo pela primeira vez” (MOREIRA, 2011, p. 2), fascinando os leitores das suas obras, sobretudo o público feminino.

Associada à graciosidade da criação de novas palavras, Mia Couto constrói um discurso que, por vezes, leva o leitor a pensar que se trata de pura oralidade. Mas é muito mais do que isso: uma sofisticada maneira de combinar, juntando leveza de percepção e inventividade, as falas quotidianas do povo moçambicano com uma construção gramatical do português que explora as possibilidades eruditas da língua em discurso simples, como se uma mulher do povo expusesse na sua língua modos encantatórios de dizer certas coisas especiais. O leitor – e sobretudo a leitora – tem tendência para que essa música, de uma língua portuguesa que, por vezes, pode parecer completamente estranha, porque tão diferente de tudo, lhe arrebate os sentidos. Literatura que cativa muito as leitoras porque a doçura da enunciação e a descrição piedosa dos defeitos humanos e das situações sociais ferem sempre uma nota de ternura e compreensão pelas leviandades da humanidade e o estado calamitoso dos microcosmos narrados. E também porque o escritor, em actos públicos, pelo seu carisma, pela sua afabilidade e serenidade, atrai inevitavelmente grande número de admiradoras, que falam dele como de uma estrela de cinema ou de *rock*. (LARANJEIRA, 2012, p. 59-60).

Laranjeira afirma também que o fascínio dos leitores pelas obras de Mia Couto dá-se por meio da criatividade textual do autor, subdividida em quatro componentes: a criatividade e inventividade da linguagem; o realismo, a intromissão do imaginário ancestral, do fantástico, e do humor, cuja presença do humor, é recorrente sobretudo nos nomes próprios de suas personagens:

[...] no que concerne ao **humor dos nomes próprios**, os antropónimos funcionam como *cartões de apresentação* de personagens, como emblemas, fornecendo, [...] muitas vezes, através da remotivação que lhes é associada, indicações importantes. (LARANJEIRA, 1995, p. 317, grifos do autor).

Além disso, os nomes próprios atribuídos por Mia Couto às personagens, com o uso da antroponímia ficcional, podem esclarecer questões de comportamentos, tradições, culturas, crenças e de identidade, favorecendo um não esquecimento da história:

[...] o poder de não esquecer é, seguramente, outra das marcas mais reivindicadas pela narrativa moçambicana. Trata-se [...] de resgatar um tempo outro, um tempo épico ou desastroso, um tempo de proibições, de omissões, de múltiplas sujeições, de promessas não cumpridas, de paraísos perdidos, de alegrias suspensas. [...] os tempos que a narração como memória traz são variados: desde o tempo da ancestralidade, passando pela experiência colonial, até um tempo mais próximo, o do pós-

independência. [...] qualquer dos tempos [...] parece poder ser medido apenas pela própria ficção que o emoldura e lhe dá existência. (NOA, 2017, p. 83).

Mia Couto permite, por meio da linguagem utilizada, que os tempos africanos não sejam esquecidos, situando-os literalmente na “esfera do ‘além’”, a que Bhabha (2010) se refere, permitindo a afirmação das tradições africanas moçambicanas e a recuperação das suas histórias e reforçando-os como parte constituinte da identidade do povo africano.

3 UMA ANÁLISE DA ANTROPONÍMIA FICCIONAL NO ROMANCE *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO

O que faz andar a estrada? É o sonho.
(Mia Couto)

Neste capítulo se fará um resumo de *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, para, então, proceder-se a análise de quatro dos nomes das personagens que compõem o romance. O romance foi escolhido entre os demais, por ter sido considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX, mas principalmente, por ter sido o primeiro romance escrito por Mia Couto, ter sido escrito durante a guerras ocorridas no país, e publicado no mesmo ano em que o Acordo de Paz foi assinado em Roma (1992).

Os nomes escolhidos foram: Vinticinco de Junho, o Junhito; Kindzu, Surendra Valá, o *monhé*, e Assma. A escolha do nome Vinticinco de Junho, se deu porque, além de ser uma personagem importante na narrativa, julgou-se ser o nome que representa os aspectos históricos de Moçambique enquanto nação. O nome de Kindzu foi escolhido por ser a personagem principal, e que além do mais, intitula e narra os “cadernos de Kindzu”. Surendra Valá foi escolhido por representar a situação dos estrangeiros em África, que evidenciam a multiculturalidade e a mestiçagem na narrativa e em Moçambique, assim como Assma, que além da multiracialidade que compõe a nação moçambicana, é uma personagem feminina que representa a condição da mulher em África.

Feita a seleção dos nomes para análise, buscar-se-á, compreender como a escolha desses retratam a tradição e a realidade social moçambicana e quais são os elementos culturais presentes na narrativa que estabelecem relação com os nomes dessas personagens.

3.1 *TERRA SONÂMBULA*: UM RESUMO

É o primeiro romance escrito por Mia Couto. Publicado em 1992, lhe conferiu vários prêmios, entre eles, o Prêmio Camões no ano de 2013. É também considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. A edição analisada

é da editora Companhia das Letras, publicado no Brasil no ano de 2016, e tem 208 páginas.

No romance, a narrativa inicia com o menino Muidinga e o velho Tuahir, que fogem dos ataques e dos conflitos gerados pela Guerra Civil em Moçambique. Na estrada, eles encontram um *machimbombo*, um ônibus queimado, no qual eles se refugiam. Nesse mesmo local, há um corpo caído com uma mala ao lado e, dentro desta, estão alguns cadernos, os chamados *Cadernos de Kindzu*, outra vítima dos conflitos, e que contam a história dessa personagem desde pequeno.

No enredo, são intercalados os capítulos que contam a luta de Muidinga e de Tuahir pela sobrevivência e o relato da vida de Kindzu. O livro é composto de mais de uma história, assim mais personagens surgem ao longo da narrativa e durante a caminhada de Muidinga e Tuahir e da leitura dos cadernos de Kindzu é que ocorre o entrelaçamento dessas histórias e das personagens.

O romance evidencia, também, a luta armada pela libertação, as guerras civis que ocorreram no período pós-independência, e o diálogo conflituoso da transição da ancestralidade para a modernidade, que resulta numa constante busca pelo resgate da identidade do povo moçambicano. Essa situação se faz bem presente, por exemplo, na escolha dos nomes das personagens, como se verá a partir do próximo tópico desta análise.

3.2 VINTICINCO DE JUNHO – JUNHITO

A personagem Vinticinco de Junho é introduzida na narrativa do romance *Terra Sonâmbula* no primeiro caderno de Kindzu, intitulado *O tempo em que o mundo tinha a nossa idade*: “*Esta criança há-de ser chamada Vinticinco de Junho*”. (COUTO, 2016, p. 17, grifos do autor). Ele é filho do velho Taímo e irmão de Kindzu.

Percebe-se que vinte e cinco é a grafia correspondente ao número cardinal 25 na Língua Portuguesa. Mia Couto, ao fazer a supressão da conjunção *e*, aglutinando as palavras *vinte + cinco* e substituindo o fonema *e* pelo fonema *i*, reforça o traço cultural da oralidade e transforma o numeral no antropônimo ficcional *Vinticinco*.

Para entender o porquê desse nome, é importante fazer uma análise da família e do contexto histórico que perpassa o romance. Para isso, se inicia pelo pai deles, o velho Taímo, que, apesar de ter uma família, é descrito na narrativa como

um “solitário pescador” (COUTO, 2016, p. 15)”. Ele também representa a tradição africana moçambicana da oralidade, pois conta estórias:

[...] ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos improvisos. As estórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo. Nenhuma narração tinha fim, o sono lhe apagava a boca antes do desfecho. (COUTO, 2016, p. 15-16).

Ao gosto que Taímo tem pelas narrativas, Kindzu, que é o narrador dos cadernos, atribui o nome “tontices” e “sofrer de sonhos”:

Proferia tontices enquanto ia acordando. [...] Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos transabertos. Como dormia fora, nem dávamos conta. Minha mãe, manhã seguinte, é que nos convocava: - *Venham: papá teve um sonho!* (COUTO, 2016, p. 16, grifos do autor).

Taímo não só tinha sonhos, era também a ponte entre a ancestralidade e a modernidade, pois ele “[...] recebia notícia do futuro por via dos antepassados.” (COUTO, 2016, p. 16). É numa dessas reuniões em que contava estórias à família, que Taímo anuncia o nascimento do filho mais novo, e o nomeia como Vinticinco de Junho:

Recordo meu pai nos chamar um dia. Parecia mais uma dessas reuniões em que ele lembrava as cores e os tamanhos de seus sonhos. Mas não. [...] Anunciava um facto: a Independência do país. [...] Chamou minha mãe e, tocando sua barriga redonda como lua cheia, disse: - *Esta criança há-de ser chamada de Vinticinco de Junho.* Vinticinco de Junho era nome demasiado. Afinal, o menino ficou sendo só Junho. Ou de maneira mais mindinha: Junhito. Minha mãe não mais teve filhos. Junhito foi o último habitante daquele ventre.” (COUTO, 2016, p. 16-17, grifos do autor).

De acordo com Dick (1992), os nomes podem mostrar diversos aspectos relacionados à pessoa que o detém. Nesse sentido, percebemos que Vinticinco de Junho ou Junhito, é claramente uma alusão à Moçambique, pois o nome atribuído coincide com a data da conquista da independência desse país, que ocorreu no dia 25 de Junho de 1975. Além disso, Moçambique foi o último país africano a tornar-se independente de Portugal, o que justifica, na narrativa, as afirmações de que o pai anunciava a independência do país e de que a mãe de Junhito não teve mais filhos. O nascimento de Vinticinco de Junho é o nascimento de Moçambique como nação independente.

Após a independência, o país entra em um conflito civil, quando os movimentos (FRELIMO e RENAMO) que antes lutavam pela libertação, agora lutam pelo poder, em um conflito que atinge todas as regiões do país.

O tempo passeava com mansas lentidões quando chegou a guerra. Meu pai dizia que era confusão vinda de fora, trazida por aqueles que tinham perdido seus privilégios. No princípio, só escutávamos as vagas novidades, acontecidas no longe. Depois, os tiros foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos. (COUTO, 2016, p. 17).

Percebe-se pelo excerto abaixo que a guerra civil traz um sentimento de desilusão, desconfiança, de traição em relação à independência.

A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma. De dia já não saíamos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos. (COUTO, 2016, p. 17).

Além de tais sentimentos, a guerra deixou Moçambique devastado e, como consequência, expôs suas fragilidades, a miséria e o sofrimento da população, cuja principal preocupação era fugir dos confrontos e sobreviver. No texto, isso é percebido quando Kindzu sente que a família está se desfazendo, cujo sinal é quando Junhito começa a minguar:

Aos poucos, eu sentia a nossa família quebrar-se como um pote lançado no chão. Ali onde eu sempre tinha encontrado meu refúgio já não restava nada. Nós estávamos mais pobres que nunca. Junhito tinha os joelhos escapando das pernas, cansado só de respirar. (COUTO, 2016, p. 17).

No romance, é possível perceber ainda mais a metáfora que associa Junhito à Moçambique e à intensidade da violência durante a guerra civil quando Taímo anuncia que um deles irá morrer:

- *Alguém de nós vai morrer, [...] nossa família ainda não deixara cair nenhum sangue na guerra. Agora a nossa vez se aproximava. A morte vai pousar daqui, tenho a máxima certeza,* sentenciou o velho Taímo. *Quem vai receber esse apagamento é um de vocês, meus filhos.* E rodou os olhos vermelhos sobre nossos ombros encolhidos. – *É ele. É ele quem vai falecer!* Apontou Junhito, nosso irmão mais pequeno. (COUTO, 2016, p. 18, grifos do autor).

A luta pela sobrevivência é notória em toda a narrativa, mas no *Primeiro caderno de Kindzu*, por meio da personagem Junhito, fica mais evidente quando, após o anúncio de sua morte, fica destinado pelo pai a viver no galinheiro:

- *Calem! [...] Este problema já todo eu pensei. Em diante, Junhito vai viver no galinheiro! [...] o miúdo devia mudar, alma e corpo, na aparência de galinha. Os bandos quando chegassem não lhe iriam levar. Galinha era bicho que não despertava brutais crueldades. [...] aquela era a única maneira de salvar Vinticinco de Junho. (COUTO, 2016, p. 19, grifos do autor).*

No romance, é nesse momento que começa o processo de transformação da personagem, ou melhor, ocorre a zoomorfização, que é a atribuição de predicados animais ao ser humano, ou seja, “[...] características pensadas pelo homem para os animais são retornadas ao homem equiparando a animais”. (SOARES, 2017, p.49-50). Desse processo de zoomorfização da personagem, conclui-se que a guerra destrói o sentimento de humanidade, transformando o homem em um ser animalesco. Veja-se essa característica no excerto a seguir:

A partir desse dia, o manito deixou de viver dentro da casa. Meu velho lhe arrumou um lugar no galinheiro. No cedinho das manhãs, ele ensinava o menino a cantar, igual aos galos. Demorou a afinar. Passadas muitas madrugadas, já mano Junhito cocoricava com perfeição, coberto num saco de penas que minha mãe lhe costurara. Parecia condizer com aquelas penugens, pululado de pulgas. (COUTO, 2016, p. 19).

A guerra civil em Moçambique durou de 1977 até o ano de 1992, quando finalmente o Acordo de Paz foi assinado em Roma. Esse ano coincide com a publicação do romance *Terra Sonâmbula*. Por isso, além da luta armada pela libertação, o conflito civil entre a FRELIMO e a RENAMO é outro aspecto recorrente na narrativa. Aliás, em *Terra Sonâmbula*, é possível perceber esse encaminhamento do fim da guerra civil, ainda que não em definitivo, pois ainda hoje o país arca com as consequências:

Junhito foi se alongando de nossas vistas, proibidos que estávamos só de mencionar sua existência. Minha mãe, mesmo ela, se parecia resignar. Contudo, eu sabia que ela, às escondidas, visitava a capoeira. Fazia isso pelas traseiras da noite. Sentava no escuro e cantava uma canção de nenecar, a mesma que servira para todos os nossos sons. Junhito, de começo, entoava junto com ela. Sua voz nos fazia descer uma tristeza, olhos abaixo. Depois, Junhito já nem sabia soletrar as humanas palavras. Esganiçava uns cóóós e ajeitava a cabeça por baixo do braço. E assim adormecia. **Uma manhã, a capoeira amanheceu sem ele. Nunca mais, o Junhito. Morrera, fugira, se infinitara?** Ninguém se acertava. Os vizinhos diziam: foi meu pai que, na plena bebedeira, confundiu o pescoço de um bico verdadeiro com o do menino de sua criação. Outros dizem foram os bandos que larapilharam o galinheiro para curar fomes. Minha mãe, em seu cismado silêncio, escondia versões. **Talvez ela, quem sabe, abrisse a portinhola de rede e soltara seu menino para ele debicar por aí, por esses afóra?** (COUTO, 2016, p. 19-20, grifos nossos).

Ao final da narrativa, no último caderno de Kindzu, *As páginas da Terra*, percebe-se o reencontro da modernidade com a ancestralidade. Representadas pela personagem de Kindzu, que herda de seu pai, o velho Taímo, a tradição dos sonhos e da oralidade e torna-se um naparama². Veja-se nos trechos a seguir:

Durante toda a noite dormi um sonho, com sabores de autêntico. [...] Agora era como se esses fantasmas trabalhassem em minha cabeça para me transmitirem seus segredos, revelações de um outro mundo. Vou relatar o último sonho a ver se me livro do peso de terríveis lembranças. Não quero que tais pensamentos me regressem. Preciso dormir, totalmente dormir, me emigrar desse corpo cheio de esperas e sofrências. Preciso descansar de suspeitas, esfriar meu desejo de vingança. (COUTO, 2016, p. 199-200).

Se na narrativa o velho Taímo representa os traços ancestrais culturais da oralidade e dos sonhos, nos cadernos encontra-se também a representação da liberdade e da paz. Tal representação é sugerida por meio de uma personagem feminina, não nomeada pelo autor: a mãe de Kindzu e de Vinticinco de Junho, a qual está sempre por perto, assegurando que Junhito está seguro e protegido.

Em *As páginas da Terra*, por meio do relato que Kindzu faz de seu sonho, tem-se, portanto, a confirmação da libertação de Moçambique e o selamento da paz:

Então, **por entre as brumas do sonhado, vi um galo se aproximando. Era Junhito, quase eu ia jurar. Porque no inverso dos outros, ele se humanizava, lhe caíam penas, cristas e esporões. Me olhou ainda semibicho. Seus olhos me pediam qualquer coisa. [...] Junhito ainda lutava para se desbichar, desembaraçar-se da condenação.** Me veio à ideia que **ele precisava de um pouco de infância e cantei os embalos de nossa mãe, sua última ponte com a família.** Enquanto eu cantava ele **se foi vertendo todo gente, completamente Junhito. A seu lado, como se chamada por meu canto, minha mãe apareceu** segurando uma criança em seu colo. Lhes chamei mas eles nem me pareciam ouvir. **Junhito** colocou a mão aberta sobre o peito e depois fechou as duas mãos em concha. **Me agradecia.** Acenei uma despedida e **ele, segurando minha mãe pelo braço desapareceu nas infinitas folhagens. Eu sentia que a noite chegava ao fim.** (COUTO, 2016, p. 203, grifos nossos).

Conclui-se que, com o início da guerra, o homem torna-se um ser animalizado, insensível, violento e brutal. Agora, o processo de transformação da personagem é inverso, com fim da guerra civil, o animal que está no homem morre, permitindo a sua volta à forma que é própria da sua natureza.

Por fim, é possível afirmar que, no contexto da narrativa, o nome Vinticinco de Junho revela os três aspectos citados por Dick (1992): culturais, históricos e de identidade, pois além de fazer alusão a Moçambique e à sua história, reforça o

² Guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros que combatiam apenas com lanças, arcos e flechas.

aspecto cultural da tradição da oralidade que, por conseguinte, está diretamente ligada à identidade do povo moçambicano.

3.3 KINDZU

A história de Kindzu começa a ser contada no primeiro capítulo do livro, *A estrada morta*, quando Muidinga encontra uma mala com os *cadernos de Kindzu* e começa a lê-los para seu companheiro de andanças, o velho Tuahir. O primeiro capítulo é seguido pelo primeiro caderno de Kindzu, no qual ele mesmo narra a sua e as demais histórias. Em todo o livro, essa é a sequência: os capítulos que contam a busca de Muidinga e Tuahir pela sobrevivência, bem como outras histórias envolvendo outras personagens, sempre seguidos por um caderno de Kindzu.

Este capítulo inicia com a apresentação da personagem: “Sou chamado de Kindzu. É o nome que se dá às palmeiras mindinhas, essas que se curvam junto às praias.” (COUTO, 2016, p. 15). Observa-se que o autor escolheu um elemento da natureza local para nomear a personagem.

Nota-se ainda que na narrativa, a fim de evidenciar o lugar, o nome não foi escolhido só por ser a planta que produz a bebida preferida de Taímo, mas por Kindzu ser digno de recebê-lo: “Meu pai **me escolheu para esse nome**, homenagem à sua única preferência: beber sura, o vinho das palmeiras.” (COUTO, 2016, p. 15, grifo nosso).

O nome de Kindzu, assim como a tradição de extrair vinho das palmeiras de maneira artesanal, também representa a questão cultural de Moçambique. Isso porque, apesar de em outros lugares do mundo existirem espécies de palmeiras que permitem a extração de material para a produção de vinho, como, por exemplo, o Buriti, no Brasil, somente em Moçambique a palmeira é chamada de Kindzu, e o vinho que dela é extraído é chamado de sura.

De acordo com o próprio Kindzu, as palmeiras têm uma ligação com as águas, pois elas “se curvam junto às praias” (p.15). Isso explica o comportamento dele após a morte do pai:

Ficava o dia vagueando, pés roçando as ondas que roçavam a praia. Desde a morte de meu pai me derivo sozinho, órfão como uma onda, irmão das coisas sem nome. Enquanto me preguiçava sem destino, ia ouvindo os

ditos da gente: **esse Kindzu apanhou doença de baleia**. Falavam da grande baleia cujo suspiro faz o oceano encher e minguar. **Minhas parecências com o bicho** traziam lembranças do antigamente [...]. (COUTO, 2016, p. 22, grifos nossos).

Para entender quais são “as parecências de Kindzu” com o animal, é preciso entender qual é a simbologia e a ligação que envolvem as palmeiras e as baleias. A respeito da simbologia das plantas, Carvalho (2011, p. 353 apud PINTO, 2016, p. 317, grifo do autor) afirma que “As palmeiras estão associadas à ‘árvore da vida’ no Médio Oriente, sendo referenciadas na Bíblia tanto no Novo quanto no Velho Testamento.” Já em relação à simbologia da baleia, dentre outras que ela possui, Denise Gimenez Ramos (2005, p. 30), em *Os animais e a psique*, afirma que “A baleia também é vista como possuidora do germe da imortalidade, quando associada, por sua semelhança, à Arca de Noé.”

De acordo com David Lusseau (2016, s.p., tradução nossa), muitas espécies de baleias vivem em grupos. Esses grupos geralmente são formados em torno das fêmeas, portanto são grupos que vivem em um sistema matriarcal. Esse aspecto materno da baleia, é reforçado por Ramos (2005, p. 28-29): “Como símbolo, a baleia está predominantemente associada ao dinamismo matriarcal. [...] Nesse contexto, a baleia representa força, proteção e nutrição, ligando-se com o princípio feminino e uterino.”

Ainda associando o comportamento e as semelhanças de Kindzu com uma baleia, nota-se por meio dos diálogos que a relação entre Kindzu e sua mãe não tinha uma proximidade como a que ele possuía com o seu pai:

- *Tive tantos filhos, tantíssimos. Todos foram, ficaste só tu, Kindzu. Logo tu, o pior. Era a verdade: minha sobra só lhe dava castigo, saudade dos demais filhos. Por bondade, eu dela sempre me afastava, lhe aliviando de mim, doença de sua memória.* (COUTO, 2016, p. 22, grifos do autor).

Ao perder o pai e ter o irmão Junhito desaparecido, sentia-se sozinho e órfão, como ele mesmo descreve. Um aspecto cultural pode ser aqui constatado, de que as famílias eram formadas a partir da ordem patriarcal.

Outros sentimentos que lhe reforçam a sensação de orfandade são que, em virtude da guerra civil, os bandos invadiram a loja do indiano Surendra Valá, seu amigo, forçando-o a ir embora. Além disso, sua escola foi queimada e seu professor assassinado.

Tantas infelicidades me tinham aleijado: o desaparecimento de meu irmão, a morte de meu pai, a loucura de minha família. Mas nada me afetou tanto

como a partida do indiano. Tentei convencer o homem a deixar-se por ali. Em vão. [...] Eu agora estava órfão da família e da amizade. (COUTO, 2016, p. 28).

Todos esses acontecimentos despertam em Kindzu um desejo de partir e se juntar aos naparamas:

Nesse desespero me veio, claro, um desejo: me juntar aos naparama. Sim, eu queria ser um desses guerreiros de justiças. Já me via, tronco despido, colares, fitas e feitiços me enfeitando. [...] Qualquer que fosse minha escolha uma coisa era certa: eu tinha que sair dali, aquele mundo já me estava matando. (COUTO, 2016, p. 29).

A partir disso, é possível conjecturar semelhanças entre as palmeiras, as baleias e os naparamas. Os três referem-se aos aspectos culturais da espiritualidade e da religiosidade, que levam à crença na imortalidade.

Kindzu representa o anseio da população para que Moçambique se libertasse de Portugal e de que o conflito ideológico entre a FRELIMO e a RENAMO chegasse ao fim. Com outros olhos, em relação ao desejo de tornar-se um guerreiro naparama, pode-se enxergar na figura de Kindzu, o próprio autor, Mia Couto, que, apesar de não mais integrar o partido e não incentivar nenhuma luta política e partidária, quando da independência, era integrante da FRELIMO.

A associação de Mia Couto a Kindzu e aos naparamas, os “[...] guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam contra os fazedores de guerra” (COUTO, 2016, p. 27), pode ser corroborada com o seguinte trecho, já ao final da narrativa:

Então Junhito me chamou. Eu me olhei com desconfiança. Mas o que em mim vi foi de dar surpresa, mesmo em sonho: porque em meus braços se exibiam lenços e enfeites. **Minhas mãos seguravam uma zagaia.** Me certifiquei: **eu era um naparama!** Ao me verem, em minha nova figura, aqueles que maltrataram o meu irmão se extinguíram num fechar de olhos. (COUTO, 2016, p. 203, grifos nossos).

Nesse caso, Mia Couto é metaforicamente um naparama, que lutou brilhante e corajosamente por Moçambique, segurando sua maior arma contra a dominação, a sua zagaia construída com papel e tinta, e escrita em Língua Portuguesa, cuja obra veio a ser publicada em jornais e revistas, impressas e publicadas em livros.

3.4. VOZES ESTRANGEIRAS EM *TERRA SONÂMBULA*

Devido à luta anticolonial pela independência (1965-1975) e o conflito civil também conhecido como *Guerra de desestabilização de Moçambique* (1977-1992), as vozes estrangeiras também são destaques em *Terra Sonâmbula*. Tais representações multirraciais e multiculturais, ocorrem por meio das personagens indianas Surendra e Assma. Essas personagens são introduzidos à narrativa já no primeiro caderno de *Kindzu: O tempo em que o mundo tinha nossa idade*.

3.4.1 Surendra Valá – *O Monhé*³

Surendra Valá, por motivos da guerra, é o único comerciante da vila. Descrito como “indiano de raça e profissão” (COUTO, 2016, p. 24), possui um forte laço de amizade com Kindzu, o qual chega a ser considerado como um filho: “*Você é o filho que Assma nunca me deu.*” (COUTO, 2016, p. 27, grifo do autor).

De acordo com Celina Martins (2006, p. 165), a etimologia dos nomes Surendra e Kindzu estabelece uma relação afetuosa entre negros e indianos:

[...] o nome Surendra encarna o bom deus Indra, o deus da chuva, que purifica a planta de Kindzu. De modo geral, na Índia, este nome caracteriza uma pessoa generosa. É precisamente, a abertura de espírito que une Surendra à Kindzu, [...] (SurenDRA = DAR), abrindo a senda da amizade (SurENDrA = SENDA), que desconstrói a rigidez da noção de etnia.

Na narrativa, a desconstrução da noção de etnia é percebida justamente pela generosidade e pelo comportamento de Surendra em relação a Kindzu e aos demais moçambicanos, como se observa nos seguintes excertos dos diálogos entre essas duas personagens:

E ele me passava um pensamento: nós, os da costa, éramos habitantes não de um continente mas de um oceano. Eu e Surendra partilhávamos a mesma pátria: o Índico. [...] *Somos da igual raça, Kindzu: somos índicos!* [...] – *Não gosto de pretos, Kindzu.* – *Como? Então gosta de quem? Dos brancos?* – *Também não.* – *Já sei: gosta de indianos, gosta da sua raça.* – *Não. Eu gosto de homens que não tem raça. É por isso que eu gosto de si, Kindzu.* (COUTO, 2016, p. 25 e 28, grifos do autor).

³ Indiano.

Os indianos considerados de fora, estrangeiros, pelas diferenças culturais, não são bem vistos em Moçambique, são considerados inimigos dos negros “*Um monhé não conhece amigo preto*” (COUTO, 2016, p. 24), e por isso não há leis que os protegem da discriminação e da violência. Apesar de, por anos ter “provado o justo contrário” (COUTO, 2016, p. 24), essa violência contra estrangeiros é sofrida por Surendra Valá, quando tem sua loja roubada e incendiada:

Foi certa tarde: chegou o responsável de uma aldeia vizinha. Vasculhou a loja [...] Fui eu quem viu que estava roubando. [...] Uma noite os bandidos atacaram a loja do indiano, roubaram os panos, queimaram o edifício. [...] Ninguém dispensou nenhum sentimento pela desgraça de Valá. Ele era um de fora, nem merecia as penas. (COUTO, 2016, p. 27).

Pela fala de Valá, na narrativa percebe-se também, apesar do clima de guerra em Moçambique, a motivação econômica que justifica a presença de estrangeiros no país: “*Nós fazemos negócio, sempre adaptamos, justificava. Faça guerra tanto como não: monhé está sempre na meio*, brincava ele imitando as falas dos outros indianos.” (COUTO, 2016, p. 27, grifos do autor).

Não só Moçambique, mas a África em geral, vista como um lugar idealizado, de acordo com Francisco Noa (2015, p. 115-116, grifos do autor), “[...] é recorrente no romance colonial [...] que faz [...] de Moçambique, em particular, *terra de promessa*, autêntico Canaã dos trópicos.” Ainda segundo o autor, a motivação econômica é a mais comum e a mais “facilmente identificável em toda a literatura colonial.”

3.4.2 Assma

Assma, também indiana, é a esposa de Surendra Valá. Ela é incluída na narrativa no primeiro caderno de *Kindzu* e reintroduzida no sexto caderno, *O regresso a Matimati*. Quanto ao nome dessa personagem, pode-se afirmar que é uma adaptação feita por Mia Couto de dois nomes árabes: “Asma que significa ‘supremo’” e “Asmaa que significa ‘denominações, nomes’ [...]”. Este era o nome de uma filha de Abu Bakr, o primeiro califa dos muçulmanos.” (FREITAS, 2017, p. 11).

Percebe-se que Assma está sempre alheia aos acontecimentos do país e de sua própria vida.

[...] Assma não aguentara o peso do mundo. Todo o dia ela ficava na sombria traseira do balcão, cabeça encostada num rádio. Escutava era o quê? Ouvia ruídos, sem sintonia nenhuma. Mas para ela, por trás daqueles barulhos, havia música da sua Índia, melodias de sarar saudades do Oriente. Dos paus de incenso esvoavam fumos. Os olhos de Assma seguiam aqueles perfumes, dançando em tontas direções. Ela adormecia embalada pelos ruídos. Era Surendra quem, no fim do dia, desligava o rádio, dedo-ante-dedo para não despertar a esposa. (COUTO, 2016, p. 24).

Assma não se adaptou na África, sente saudade da sua terra, da sua cultura e não tem uma perspectiva de vida. Todas as ações relativas à Assma são realizadas pelo seu marido:

Surendra tinha saído para a praia, depois do almoço. Levou a esposa junto com ele. Depois, juntou uns paus e improvisou uma jangada. Assma a seu lado, canta-encantava qualquer coisa, parecia era um desconcerto de ruídos. Ao fim da tarde, já o indiano tinha completado sua obra. Deitou a jangada no mar, colocou nela Assma. Foi entrando, ondas adentro e quando já não pousava o pé no fundo, longamente beijou a esposa na testa. Depois, apontou a jangada numa escolhida direção e lhe deu um empurrão com força. Ficou acenando uma despedida: - *Vai Assma! Volta na sua terra!* (COUTO, 2016, p. 115-116, grifos do autor).

Noa (2015, p.123-126) afirma, em relação ao *espaço como efeito da experiência sensorial*, que “Nalguns casos, [...] adversidades, ou alguma incompatibilidade incontornável assente numa razão objetiva ou simplesmente preconceituosa, podem determinar sentimentos de inadaptação e de rejeição.” O autor ressalta que o sentimento de inadaptação ao meio que envolve as narrativas, manifesta-se, sobretudo nas personagens femininas.

Isto reforça a ideia de que a colonização foi sobretudo um fenômeno masculino. Fato este demonstrado tanto pelo plano secundário a que essas mulheres são muitas vezes votadas, como pelo seu quase silenciamento, [...] e, ainda, pela figuração da sua absoluta dependência social, econômica e afetiva em relação ao homem. (NOA, 2015, p. 127).

Nesse caso, Assma pode ser associada à asma, uma doença respiratória comum, cujos sintomas e complicações, dentre outros, é a capacidade reduzida de se exercitar ou fazer outras atividades e a dificuldade para respirar, a tal ponto que precise de ajuda. Assma está adoecida pela própria vida, deslocada de sua terra natal, ela está impossibilitada de respirar, pois carrega não só o peso do mundo, outrossim, o peso de ser mulher. Ela representa as mulheres indianas e africanas, entre outras, cujas tradições colocam as mulheres em situação de vulnerabilidade social e de submissão, reforçando o aspecto cultural discriminatório do patriarcalismo, que considera a mulher como um ser inferior ao homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho permitiu realizar uma análise dos significados dos nomes de quatro das personagens de *Terra Sonâmbula* (2016), do autor moçambicano Mia Couto: Vinticinco de Junho, Kindzu, Surendra e Assma que são bem representativos dentro do romance analisado. Para que a análise pudesse se concretizar foi preciso, inicialmente, efetuar pesquisas e estudos acerca da Onomástica e da Antroponímia. A Onomástica é a ciência responsável pelo estudo dos nomes próprios de qualquer gênero: pessoas, animais, objetos, fenômenos naturais, entre outros e que, por sua vez, se subdivide em Toponímia e Antroponímia. A antroponímia, portanto, sendo um dos desdobramentos da onomástica, é a ciência utilizada para estudar especificamente os nomes próprios de pessoas, enquanto que na Antroponímia Ficcional, o objeto de estudo são os nomes de personagens fictícios, ou seja, literários. Observou-se que, apesar da grandeza e da importância da área, ela é pouco conhecida e divulgada, por isso, a quantidade de textos produzidos e publicados ainda é pequena.

Ainda como suporte, estudou-se o estado da arte das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Moçambicana, em específico, constatou-se que elas ganharam um grande impulso nos últimos anos principalmente depois da publicação de obras de escritores que foram revelados durante o fervor revolucionário da luta pela Independência, período que revitalizou a Literatura Moçambicana. Dentre esses escritores, destaca-se Mia Couto, autor do romance analisado neste trabalho.

Em relação ao autor, se destacou a grande importância e contribuição que ele tem para a literatura de Moçambique, devido ao seu engajamento social e literário. O reconhecimento do seu trabalho é notado pelos prêmios recebidos, tais como o Prêmio Camões em 2013, um dos mais importantes prêmios em literatura de língua portuguesa, e pela tradução e divulgação de sua obra em mais de vinte e quatro países.

No que se refere mais especificamente ao objeto de análise desta pesquisa, pôde-se verificar que os nomes das personagens, dentro do romance, tem toda uma significação cultural, histórica e social, o que vai ao encontro dos estudos realizados pela Antroponímia Ficcional.

O nome *Vinticinco de Junho* resultou da supressão da conjunção e, da aglutinação das palavras *vinte + cinco* e da substituição do fonema e pelo fonema *i*,

processo que transformou o numeral em um antropônimo ficcional. *Vinticinco de Junho*, no contexto de *Terra Sonâmbula*, representa aspectos relacionados à identidade moçambicana.

No que concerne ao nome Kindzu, este, além de representar o anseio da população para que Moçambique se libertasse de Portugal e de que o conflito ideológico entre a FRELIMO e a RENAMO chegasse ao fim, é também uma representação literária do próprio autor. Além disso, é o nome local da palmeira mindinha.

Em relação às vozes estrangeiras, Surendra Valá, como já citado na análise, representa os aspectos multirraciais e multiculturais que constituem a nação moçambicana. Por meio da etimologia e da significação desse nome, foi possível observar que o nome condiz com as características generosas da personagem. Por sua vez, o nome feminino Assma, é um nome formado a partir de outros. Assma também representa aspectos sociais e culturais relativos à condição da mulher numa sociedade patriarcal.

Concluiu-se que no contexto narrativo do romance analisado, a busca pelo resgate da identidade das personagens está relacionada com a busca de identidade da nação moçambicana, e por conseguinte com os nomes a elas atribuídos. Em busca de compreender de que maneira os nomes de tais personagens está relacionado com o contexto histórico de Moçambique, país marcado por um passado colonial e por conflitos internos, verificou-se que a onomástica e antroponímia fornecem um grande suporte teórico para a conclusão do trabalho.

Foi possível constatar também que o nome tanto dentro da literatura quanto fora dela, é, na maioria das vezes, relacionado com o ser nomeado, visto que, pode sim, denotar significados que se relacionam com os aspectos sociais, políticos e históricos de um determinado povo.

Por fim, vale destacar o fato de que as reflexões desenvolvidas neste trabalho não estão esgotadas e que podem servir como estímulo para a realização de outros trabalhos de pesquisa relacionados à distinta obra do autor Mia Couto. Além disso, pesquisas pelo viés onomástico e antroponímico podem ser estendidas para as obras ficcionais de outros autores da literatura moçambicana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1988.

BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. 5. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BALDEZ E SILVA, Teresinha de J.; MORAES, Pedro H. V. de. A nomeação dos topônimos: memória e história em confronto entre o passado e presente. **Littera Online**. v. 6, n. 10, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/View/3556/1592>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

CALEGARI, Lizandro C. Mia couto e Cuti: o negro no discurso pós-traumático em “A princesa russa” e “Lembrança das lições”. In: SILVA, Denise A; EVARISTO, Conceição (Org.). **Literatura, história, etnicidade e educação**: estudos nos contextos afro-brasileiros, africano e da diáspora africana. Frederico Westphalen: URI, 2011.

CAMPOS, Raquel. Nome próprio e descrição do social: poética da nomeação em Balzac. **História da historiografia** n.16, 2014, p. 55-74. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/828/494>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

CARVALHINHOS, Patricia de J. As origens dos nomes de pessoas. **Domínios da linguagem**. V. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401/6686>>. Acesso em: 5 maio 2018.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

DAVID, Nismária A.; SIQUEIRA, Kênia M. F. A nomeação do ser no processo narrativo: uma leitura do conto “João-Boi”, de Bernardo Élis. **Guavira Letras**, n. 18, jan.-jul. 2014. Disponível em: <<http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/51/36>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

DICK, Maria V. P. A. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviços de Artes Gráficas da FLCH, 1992.

DICK, Maria V. P. A. Os nomes como marcadores ideológicos. **Acta Semiótica et Linguística**, v. 7, n. 1, 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/view/16907/9631>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

FENSKE, Elfi K. **Mia Couto**: biografia, bibliografia e premiações. 2015. Disponível em: <<http://www.miacouto.org/biografia-bibliografia-e-premiacoes/>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

FREITAS, Cris. **Nomes pessoais árabes com significado em português**. 2017. Disponível em: <<https://www.arabeegipcio.com/2017/03/nomes-pessoais-em-arabe-e-seu.html>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

FUNDAÇÃO FERNANDO LEITE COUTO. Maputo, 2018. Disponível em: <<http://www.fflc.org.mz/index.php/por>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

ICOS. International Council of Onomastic Sciences (Conselho Internacional de Ciências Onomásticas). 2018. **About ICOS**. Disponível em: <<https://icosweb.net/drupal/>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

LARANJEIRA, José L. P. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LARANJEIRA, José L. P. Mia Couto, o escritor improvável. **Revista Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 57-62, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/3601/2556>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

LEITE, Ana M. **Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2012.

LUSSEAU, David. Are whales attempting suicide when they strand themselves? BBC, fev. 2016. **Earth blog**. Disponível em <<http://www.bbc.com/earth/story/20160206-are-whales-committing-suicide-when-they-strand-themselves>>. Acesso em: 28 nov. 2010.

MARTINS. Celina. **O entrelaçar das vozes mestiças**. Estoril: 1. ed. 2006.

MELO, Pedro A. G. de. Um estudo antroponímico: os nomes próprios de pessoa em função onomástica na toponímia municipal alagoana. **Vocábulo – Revista de Letras e Linguagens Midiáticas**. v. VII, segundo semestre de 2014. p. 1-19 (PDF). Disponível em: <www.aedmoodle.ufpa.br/mod/resource/view.php?id=112719>. Acesso em: 21 mar. 2018.

MIRANDA, MARIA G. de. **Brasil, África e Portugal: tramas históricas e laços culturais**. Curitiba: Appris, 2012.

MOREIRA, Fernando A. T. Palavra e identidade em Mia Couto. **Revista África e Africanidades**. Ano IV. n. 14-15. Agosto-Novembro. 2011. Disponível em: <<http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/14152011-14.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

NOA, Francisco. **Perto do fragmento, a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo**. São Paulo: Kapulana, 2015.

NOA, Francisco. **Uns e outros na literatura moçambicana: ensaios**. São Paulo: Kapulana, 2017.

RAMOS, Denise G. **Os animais e a psique**. vol. 1: baleia, carneiro, cavalo, elefante, lobo, onça, urso. [ilustrações Fernando Costa]. 2 ed. São Paulo: Summus, 2005.

SANTOS, Eliéte O. A ideologia no léxico toponímico da história de Portugal de Fernão de Oliveira. **ABRALIN**, v.16, n.2, p. 219-236, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52007>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

SANTOS, Maria L. F. de S. O. A onomástica, o indivíduo e o grupo. **Arquipélago. História**. vol. 7, 2003. p. 229-242. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.3/389>>. Acesso em: 5 maio 2018.

SEABRA, Maria C. T. C. de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, J.S. de; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). **Múltiplas perspectivas em linguística**: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEI). Uberlândia: IELEEL, 2006, p. 1953-1960. Disponível em: <http://filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf >. Acesso em: 8 out. 2018.

SEIDE, Marcia S. Métodos de pesquisa em Antroponomástica. **Domínios de Linguagem**, v. 10, n.3, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/32482/18774>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

SILVA, Fernando M. da; SILVA, Anderson C. M. da. A toponímia da região paranaense do norte pioneiro. **Contextos linguísticos**. v. 10, n. 17, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/14792>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

SOARES, Uesla L. O animal humano: os paradigmas da zoomorfização social e sua representação literária. **Anais da FLIPA**. Paulo Afonso, 2017. Disponível em: <https://www.fasete.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2017/o_animal_humano_os_paradigmas_da_zoomorfizacao_social.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2018.

PINTO, Rooney F. As plantas e sua simbologia na arte sacra portuguesa dos séculos XVI e XVII: um olhar sob a coleção do Museu Nacional de Machado de Castro em Coimbra. **Caicó**. v. 17, n. 39, p. 310-332, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/download/10738/8357/>>. Acesso em: 25 nov. 2018.